

O FILHO

PHILIPP MEYER

# O FILHO

Tradução de  
FERNANDA OLIVEIRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

*Para a minha família*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu editor, Dan Halpern, um artista como eu, que percebe as coisas. Aos meus agentes, Eric Simonoff e Peter Straus. A Libby Edelson e Lee Boudreaux.

Estou grato às seguintes instituições pelo seu generoso apoio: Programa de Bolsas Dobie Paisano, Fundação Guggenheim, Fundação Ucross, Fundação Lannan e Fundação Noah e Alexis.

Embora todos e quaisquer erros sejam da responsabilidade do autor, as pessoas que se seguem deram um contributo inestimável com os seus conhecimentos: Don Graham, Michael Adams, Tracy Yett, Jim Magnuson, Tyson Midkiff, Tom e Karen Reynolds (e Debbie Dewees), Raymond Plank, Roger Plank, Patricia Dean Boswell McCall, Mary Ralph Lowe, Richard Butler, Kinley Coyan, Wes Phillips, Sarah e Hugh Fitzsimons, Tink Pinkard, Bill Marple Heather e Martin Kohout, Andy Wilkinson, todos quantos trabalham no Centro de Escritores James A. Michener, Ralph Grossman, Kyle Defoor, Alexandra Seifert, Jay Seifert, Whitney Seifert e Melinda Seifert. Além disso, estou grato a Jimmy Arterberry, da Agência de Preservação Histórica da Nação Comanche, Juanita Pahdopony e Gene Pekah, da Faculdade da Nação Comanche, Willie Pekah, Harry Mithlo e ao Comité de Preservação da Língua e Cultura Comanches, ainda que isto de modo algum signifique o seu aval ao material aqui apresentado. Estima-se que o povo comanche tenha sofrido um decréscimo populacional de noventa e oito por cento em meados do século XIX.

Paz à alma de Dan McCall.

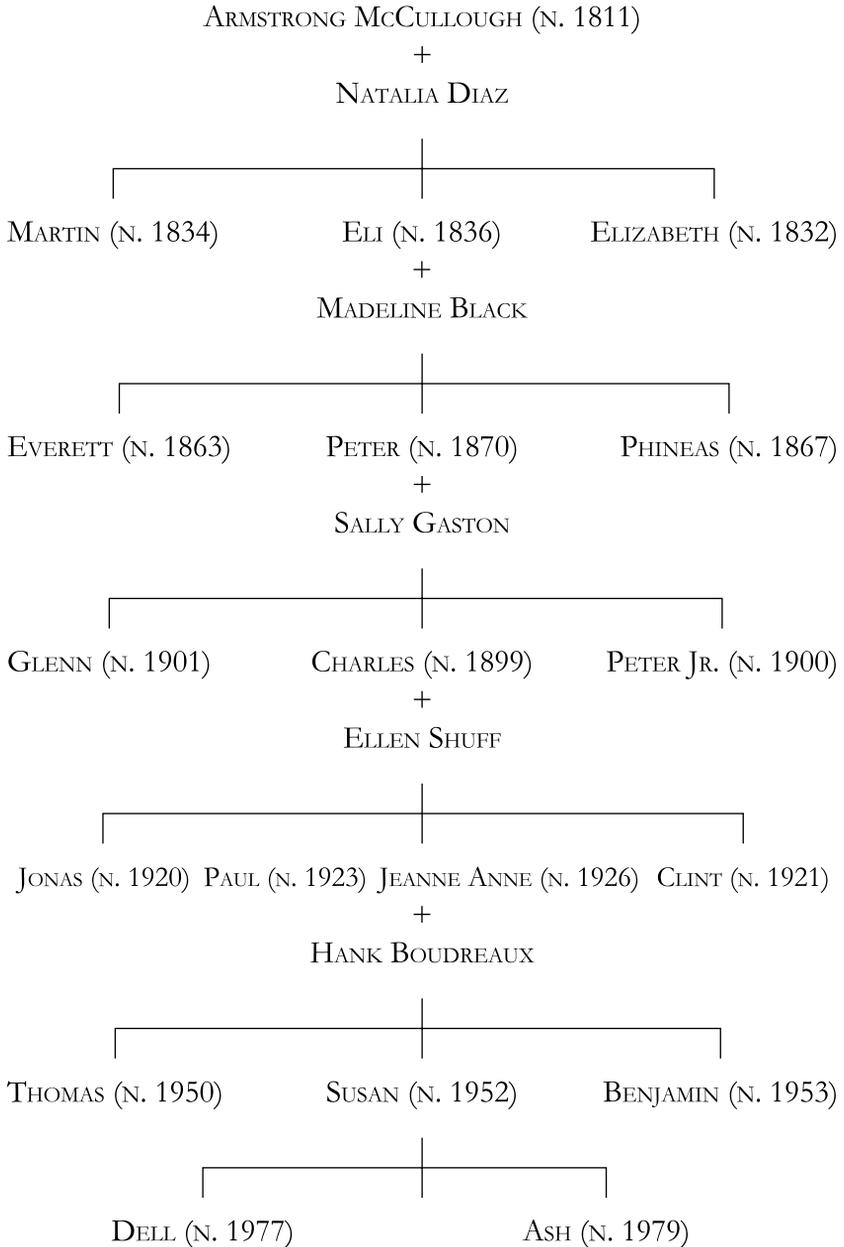
No segundo século da era cristã, o Império de Roma incluía uma área significativa da Terra e a parte mais civilizada da humanidade...

... o seu génio foi humilhado no pó; e exércitos de bárbaros desconhecidos, oriundos das regiões geladas do Norte, tinham imposto o seu domínio vitorioso sobre a maior parte das províncias da Europa e África.

... as vicissitudes do destino, que não poupam o homem nem a mais gloriosa das suas obras... sepultam impérios e cidades num túmulo comum.

— EDWARD GIBBON

# Os McCULLOUGHs



O FILHO

## CAPÍTULO 1

### CORONEL ELI McCULLOUGH

*Retirado de um registo de 1936 da WPA*

Foi vaticinado que eu viveria até aos cem anos e, tendo atingido essa idade, não vejo razão para duvidar disso. Não vou morrer cristão, ainda que o meu escalpe esteja intacto, e, se existir um campo de caça eterno, é para aí que me dirijo. Para aí ou para o rio Estige. A minha opinião neste momento é que a minha vida foi demasiado curta; o bem que eu poderia fazer, se me fosse concedido mais um ano em pé, em vez de estar amarrado a esta cama, a borrar-me como um bebé.

Se o Criador achar conveniente dar-me forças, irei até às águas que correm através da pastagem. O rio Nueces, na sua curva oriental. Sempre preferi o rio do Diabo. Nos meus sonhos, alcancei-o três vezes e é sabido que Alexandre, *o Grande*, na sua última noite de vida como mortal, rastejou do seu palácio e tentou atirar-se para o Eufrates, sabendo que, se o seu corpo desaparecesse, o povo presumiria que ele tinha ascendido ao céu como um deus. A sua mulher deteve-o à beira da água. Arrastou-o até casa para morrer como um mortal. E as pessoas ainda perguntam porque é que não me voltei a casar...

Se o meu filho aparecesse, preferia não ter de suportar o seu sorriso de vitória. Semente da minha destruição. Eu sei o que ele fez

e desconfio que vagueia há muito pelas margens do rio Jordão, pois Quanah Parker, último chefe dos Comanches, dava poucas hipóteses ao rapaz de chegar aos cinquenta. Em troca desta informação, dei a Quanah e aos seus guerreiros um jovem bisonte, um soberbo animal que iria ser morto à maneira antiga, com lanças, nas minhas pastagens que outrora tinham sido os seus campos de caça. Um dos companheiros de Quanah era um venerável chefe arapahoe e, quando nos sentámos a comer o fígado quente do bisonte, como antigamente, mergulhado na própria bÍlis do animal, deu-me um anel de prata que retirara pessoalmente do dedo de George Armstrong Custer. O anel tem gravado «7.<sup>a</sup> Cav.» Tem um entalhe profundo feito por uma lança e, não tendo herdeiro apropriado, vou levá-lo comigo para o rio.

A maior parte das pessoas estará familiarizada com a minha data de nascimento. A Declaração de Independência que arrancou a República do Texas à tirania mexicana foi ratificada a 2 de março de 1836, numa humilde cabana à beira do rio Brazos. Metade dos signatários tinha malária; a outra metade tinha vindo para o Texas para fugir à forca. Eu fui a primeira criança do sexo masculino desta nova república.

Os espanhóis estavam no Texas há centenas de anos, mas sem resultados palpáveis. Desde Colombo que tinham conquistado todos os nativos que se atravessavam no seu caminho e, embora eu nunca tenha conhecido um asteca, deviam ser um bando de meninos de coro pretensiosos. Os Apaches Lipan detiveram os antigos conquistadores. Depois vieram os Comanches. O mundo nunca virá nada assim desde os Mongóis; empurraram os Apaches para o mar, destruíram o exército espanhol, transformaram o México num mercado de escravos. Uma vez, vi comanches a levarem aldeões ao longo do Pecos, às centenas de cada vez, da mesma forma que se conduz o gado.

Tendo sido derrotado pelos aborígenes, o governo mexicano concebeu um plano desesperado para colonizar o Texas. Qualquer homem, de qualquer nação, que estivesse disposto a mudar-se para

oeste do rio Sabine receberia gratuitamente mil e seiscentos hectares de terra. O documento foi redigido a sangue. A filosofia comanche em relação aos forasteiros era quase papal na sua minúcia: torturar e matar os homens, violar e matar as mulheres, ficar com as crianças como escravos ou para adoção. Poucas foram as pessoas dos países antigos da Europa que levaram a sério a proposta dos Mexicanos. Na verdade, ninguém foi para lá. Exceto os americanos. Esses afluíram em força. Tinham mulheres e filhos de sobra e, ao vencedor, darei a comer da árvore da vida.

Em 1832, o meu pai chegou a Matagorda, o que era comum nesse tempo, se considerássemos o risco de morte por pelotão de fuzilamento ou de ser escalpelizado pelos Comanches a forma de Deus nos dizer que havia grandes recompensas à nossa espera. Nessa altura, o governo mexicano, nervoso com a crescente horda anglo-americana no interior das suas fronteiras, tinha banido a imigração americana para o Texas.

E, no entanto, era melhor do que nos Estados antigos, onde, a menos que se fosse filho do dono de uma plantação, não havia nada a que se pudesse aspirar além dos restos das colheitas. Que fique registado que os elementos das melhores classes, os Austins e Houstons, estavam dispostos a continuar a ser cidadãos mexicanos, desde que pudessem ficar com a sua terra. Os seus descendentes travaram guerras de propaganda para limpar os seus nomes e para declará-los Fundadores do Texas. Na verdade, foram só os homens como o meu pai, que não tinham nada, que empurraram o Texas para a guerra.

Como qualquer escocês robusto, ele fez a sua parte na desordem em San Jacinto e, depois da guerra, trabalhou como ferreiro, armeiro e agrimensor. Era alto e de trato fácil. Tinha costas direitas e mãos calejadas e as pessoas sentiam-se seguras perto dele, o que se veio a revelar, para a maioria delas, uma ilusão.

O meu pai não era religioso e é a ele que atribuo os meus modos pagãos. Ainda assim, era o tipo de homem que sentiu o sopro da morte junto ao pescoço. Ele acreditava que não havia tempo a perder. Primeiro, vivemos em Bastrop, a cultivar milho e sorgo e a criar porcos, a desbravar a terra até chegarem os novos colonos, aqueles que ficaram à espera de que os perigos índios passassem e, depois, chegaram com os seus advogados para contestar os feitos e direitos daqueles que tinham civilizado o país e vencido os peles-vermelhas. Estes primeiros texanos tinham comprado as suas propriedades com a moeda humana original e a maioria não sabia ler nem escrever. Aos dez anos, eu já tinha cavado quatro sepulturas. O mais leve som de cascos a galope despertava toda a família e, quando as notícias chegavam — algum vizinho cortado em pedaços como um leitão em Dia de Ação de Graças —, já o meu pai tinha verificado se as armas estavam todas carregadas e desaparecia na noite juntamente com o mensageiro. Os corajosos morrem cedo: é o que diz o ditado comanche, mas também se aplicava aos primeiros anglo-americanos.

Durante os dez anos em que o Texas se manteve como nação, o governo estava desesperado por colonos, sobretudo por colonos com dinheiro. E, através de algum telégrafo invisível, a mensagem chegou aos Estados antigos — esta área agora é segura. Em 1844, chegou o primeiro forasteiro: cabelo cortado no barbeiro, roupas compradas numa loja, um alazão bem treinado. Pediu cereais, pois o seu cavalo ficaria doente com erva. Um cavalo que não podia comer erva... eu nunca tinha ouvido tal coisa.

Dois meses mais tarde, o título de propriedade dos Smithwicks foi contestado e, depois, os dos Hornsbys e MacLeods foram comprados por uma ninharia. Nessa altura, havia mais advogados *per capita* no Texas do que em qualquer outro lugar do continente e, passados poucos anos, todos os colonos originais tinham perdido a sua terra e sido novamente empurrados para oeste, de volta ao território índio. As classes mais bem-nascidas, que tinham roubado a terra, já estavam a tramar uma guerra para proteger os seus negros; o Sul seria amaldiçoado, mas o Texas, filho do Oeste, emergiria incólume.

Entretanto, foi lançada uma campanha contra a minha mãe, uma castelhana de antiga linhagem, de pele morena, mas com traços finos; os novos colonos diziam que ela tinha um quarto de sangue negro. O *gentleman* da plantação orgulhava-se de ter olho para essas coisas.

Em 1846, tínhamo-nos mudado para lá da linha de colonização, para a terra concessionada ao meu pai no Pedernales. Era território de caça dos Comanches. As árvores nunca tinham sentido um machado; a terra era fértil e lustrosa, como todos os animais que lá viviam. Erva pela altura do peito, solo fundo e negro nas terras baixas, e mesmo as encostas mais íngremes estavam cheias de flores silvestres: columbina, tremocilha-azul, anémona, roda-de-fogo e estrela-da-tarde. Não era o lugar rochoso e árido que é hoje.

As cabeças de gado selvagem espanhol eram facilmente obtidas com uma corda — passado um ano, tínhamos uma centena. Também havia porcos e cavalos *mustang* prontos a ser capturados. Havia veados, perus, ursos, esquilos, o bisonte ocasional, tartarugas e peixes do rio, patos, ameixas e uvas-tintas mexicanas, tílias e diospireiros — o campo fervilhava de vida, tal como hoje está putrefacto de gente. O único problema era manter o escalpe preso à cabeça.

## CAPÍTULO 2

JEANNE ANNE McCULLOUGH

*3 de março de 2012*

Havia murmúrios e vozes tranquilas, a luz não era suficiente. Ela encontrava-se numa grande sala, que primeiro pensou tratar-se de uma igreja ou tribunal, e, embora estivesse acordada, não conseguia sentir nada. Era como estar a flutuar num banho quente; lustres que emitiam uma luz desmaiada, troncos a fumegar numa lareira, cadeiras estilo jacobita e mesas e bustos de gregos antigos. Estava deitada no chão, em cima de um tapete que tinha sido uma prenda do xá. Perguntou a si mesma quem a encontraria.

Era um casarão branco ao estilo espanhol; dezanove quartos, uma biblioteca, uma sala grande e um salão de baile. Ela e os irmãos tinham nascido todos ali, mas agora não passava de uma casa de fim de semana, um local para reuniões familiares; as criadas só regressariam na manhã seguinte. A sua mente estava perfeitamente desperta, mas o resto parecia ter ficado desligado e ela tinha praticamente a certeza de que alguém lhe fizera aquilo. O que era absurdo. Tinha oitenta e seis anos. Mesmo assim, embora gostasse de dizer às pessoas que mal podia esperar para atravessar para a Terra de Mañana, isso não era exatamente verdade.

«O mais importante é um homem que faça o que lhe digo.» Ela dissera isto a um repórter da revista *Time* e eles tinham-na posto na

capa, com quarenta e um anos e ainda maliciosa, em cima do seu *Cadillac*, diante de um campo cheio de bombas de extração de petróleo. Era uma mulher pequena e esbelta, embora as pessoas se esquecessem disso depois de a conhecerem. A sua voz era decidida e os olhos eram de um cinzento duro, como uma pistola antiga ou uma nortada fria, e ela era atraente, embora não fosse propriamente uma beleza. Coisa que o fotógrafo ianque deve ter notado; fê-la abrir um bocadinho mais a blusa e compôs-lhe o cabelo como se ela tivesse saído de um descapotável. Não estava no auge do seu poder — isso aconteceria décadas mais tarde —, mas foi um momento importante. Tinham começado a levá-la a sério. Agora, o homem que lhe tirara a fotografia estava morto. «Ninguém te vai encontrar», pensou.

Era óbvio que ia acontecer daquela forma; mesmo em criança, andava sobretudo sozinha. A sua família tinha sido dona da vila. As pessoas não faziam sentido para ela. Os homens, com quem tinha tudo em comum, não a queriam por perto; as mulheres, com quem não tinha nada em comum, sorriam demasiado, riam-se demasiado alto e, na generalidade, faziam-lhe lembrar cãezinhos, com as vidas perdidas na decoração de interiores, nas roupas de outras pessoas, no saber sentar-se convenientemente nas festas. Nunca houvera lugar para uma pessoa como ela.

Era novinha, tinha oito ou dez anos, e estava sentada no alpendre. Era um dia fresco de primavera e as colinas verdejantes estendiam-se a perder de vista; terra dos McCulloughs até onde a vista alcançava. Mas alguma coisa estava mal: o seu *Cadillac* estava ali, estacionado na relva, e os velhos estábulos, que o irmão ainda não tinha queimado, já tinham desaparecido. «Vou acordar agora», pensou. Mas, depois, o Coronel — o seu bisavô — estava a falar. O pai também lá estava. Em tempos, tivera um avô, Peter McCullough, mas ele tinha desaparecido e ninguém tinha nada de bom a dizer sobre ele, e ela sabia que também não teria gostado dele.

— Estava a pensar que o pai podia aparecer na igreja este domingo — disse o pai dela.

O Coronel achava que o melhor era deixar essas coisas para os negros e mexicanos. Tinha cem anos e não se importava de dizer às pessoas que estavam enganadas. Os seus braços eram como varetas e o rosto estava todo manchado, como couro cru, e diziam que, da próxima vez que caísse, seria direitinho na própria sepultura.

— O problema dos pregadores — estava ele a dizer — é que, se não estiverem a cortejar as nossas filhas ou a comer todo o frango frito e tarte que temos no frigorífico, estão a intrujar os nossos filhos com cavalos.

O pai tinha o dobro do tamanho do Coronel, mas, tal como este estava sempre a salientar, tinha os costados fortes e a mente fraca. O irmão dela, Clint, tinha comprado um cavalo e sela àquele pastor e tinham descoberto uma ferida gangrenada debaixo da manta quase do tamanho de uma panqueca.

De qualquer forma, o pai obrigava-a a ir à igreja, a acordar cedo para fazer a viagem até Carrizo, onde havia uma escola dominical. Ela tinha fome e mal conseguia manter os olhos abertos. Quando perguntou à professora o que iria acontecer ao Coronel, que estava sentado em casa naquele preciso momento, provavelmente a beber um julepo, a professora disse que ele ia para o Inferno, onde seria torturado pelo próprio Satanás.

— Nesse caso, vou com ele — disse Jeannie. Era uma fedelha desavergonhada. Se fosse mexicana, teria sido chicoteada.

No caminho de regresso, não conseguia compreender por que razão o pai se pusera do lado da professora, que tinha uma penca que parecia uma águia e cheirava como se alguma coisa tivesse morrido dentro dela. A mulher era feia como um balde de alcatrão.

— Durante a guerra — estava o pai a dizer —, prometi a Deus que, se sobrevivesse, iria à igreja todos os domingos. Mas, precisamente antes de nasceres, deixei de ir, porque andava muito ocupado. E sabes o que é que aconteceu? — Ela sabia; sempre soubera. De qualquer forma, ele lembrou-lhe: — A tua mãe morreu.

Jonas, o irmão mais velho, disse qualquer coisa acerca de não a assustar. O pai mandou Jonas calar-se e Clint beliscou-lhe o braço e sussurrou:

— Quando vais para o Inferno, a primeira coisa que fazem é espetar-te uma forquilha pelo rabo acima.

Ela abriu os olhos. Clint tinha morrido há sessenta anos. Nada se mexera na sala escura. «Os papéis», pensou. Tinha-os salvo do fogo em tempos e não se decidira a destruí-los. Agora iriam encontrá-los.

### CAPÍTULO 3

## DIÁRIOS DE PETER McCULLOUGH

10 DE AGOSTO DE 1915

É o dia do meu aniversário. Hoje, sem a ajuda de uísque algum, cheguei à conclusão de que não sou ninguém. Ao fazer a retrospectiva dos meus quarenta e cinco anos, não vejo nada que valha a pena — aquilo que tomei erradamente por uma alma parece mais um abismo negro —, deixei que outros me moldassem a seu bel-prazer. Se perguntarem ao Coronel, sou o pior filho que ele teve — sempre preferiu Phineas, e até mesmo o pobre Everett.

Este diário vai ser o único registo verdadeiro desta família. Em Austin, estão a planear uma comemoração pelos oitenta anos do Coronel, mas não sei o que será dito com franqueza sobre um homem que é tratado como uma celebridade. Entretanto, o nosso verão sangrento continua. As linhas telefônicas para Brownsville não se conseguem manter em funcionamento — de cada vez que são reparadas, os rebeldes fazem-nas ir pelos ares. O Rancho King foi atacado por quarenta *sediciosos* a noite passada, houve uma batalha com armas de fogo durante três horas em Los Tulitos e o presidente da Liga da Lei e da Ordem de Cameron foi atingido mortalmente, embora eu não saiba dizer se isto foi uma perda ou um ganho.

Quanto aos mexicanos, pelo número dos que são abatidos nas valetas ou enforcados em árvores, pensar-se-ia que são um flagelo

tão grande quanto a pantera ou o lobo. O *San Antonio Express* já não menciona essas mortes — ocuparia demasiado espaço —, por isso os *tejanos* morrem sem registo e são sepultados, quando o são, em campas rasas, ou atados com cordas e arrastados para longe, onde não incomodem ninguém.

Depois de Longino e Estaban Morales terem sido assassinados no mês passado (não se sabe por quem, embora eu suspeite de Niles Gilbert), o Coronel concebeu uma nota para todos os nossos *vaqueros*: «*Este homem é um mexicano bom. Por favor, deixem-no em paz. Quando estiver farto dele, eu próprio o mato.*» Os nossos homens exibem estas notas como insígnias; eles veneram o Coronel (tal como todas as outras pessoas), *nuestro patrón*.

Infelizmente para os *tejanos*, os criadores da área continuam a perder gado. Nas pastagens a oeste, na semana passada, eu e Sullivan descobrimos uma zona em que o arame tinha sido cortado e, ao anoitecer, tínhamos encontrado apenas duzentos e sessenta e três vitelos e vacas, contra os quatrocentos e setenta e oito contados durante o agrupamento de gado efetuado na primavera. Um prejuízo de vinte mil dólares e todas as provas, pelo menos as circunstanciais, a apontarem para os nossos vizinhos, os Garcias. Por mim, preferia perder o reino a lançar um «líbelo de sangue» contra a pessoa errada. Mas esse é um sentimento raro.

Sempre pensei que devia ter nascido nos Estados antigos, onde, apesar de o solo deles estar mais empapado de sangue do que o nosso, já não precisam de armas. Mas é claro que isso é contra a minha natureza. Até mesmo Austin eu acho opressivo — como se todos os seus sessenta mil habitantes estivessem a gritar comigo ao mesmo tempo. Sempre tive dificuldade em desanuviar a cabeça, as imagens e os sons ficam comigo durante anos. Por isso, aqui continuo, no único lugar que é verdadeiramente meu, quer ele me queira quer não.

Enquanto examinávamos as vedações cortadas, Sullivan observou, desnecessariamente, que os rastos iam direitinhos às terras dos

Garcias, que orlam o rio, que, seco como estava, podia ser atravessado quase em qualquer ponto.

— O velho Pedro não me faz mozza — disse ele —, mas os genros são o bando de pretos mais desprezível que já vi.

— Tens passado demasiado tempo com o Coronel — respondi-lhe.

— Ele sabe os mexicanos que tem.

— Eu acho exatamente o contrário.

— Nesse caso, patrão, espero que me dê várias explicações sinceras para uma vedação cortada que dá para as pastagens de Pedro Garcia, quando nos estão a faltar duzentas cabeças de gado. Já houve alturas em que atravessaríamos e as traríamos de volta, mas isso está um bocadinho para lá das nossas possibilidades nos tempos que correm.

— O velho Pedro não consegue vigiar cada palmo da sua terra, tal como nós não conseguimos vigiar cada palmo da nossa.

— O senhor é um grande homem — disse ele —, e eu não percebo porque é que age como se fosse pequeno.

Depois disso, não fez mais comentários. Ele considera uma afronta pessoal o facto de um mexicano poder ser proprietário de tanta terra nos dias de hoje. É claro que os *vaqueros* não ajudam: por causa do seu peso e da sua voz aguda, chamam-lhe *Don Castrado* pelas costas.

Quanto a Pedro Garcia, os sarilhos parecem persegui-lo como um cão solitário. Dois dos seus genros estão a ser procurados pelas autoridades mexicanas por roubo de gado, um feito notável, dado o ponto de vista desse país relativamente a tais matérias. Tentei visitá-lo na semana passada, mas José e Chico fizeram-me voltar para trás. «Don Pedro não sentir bem», disseram-me, e fingiram não compreender o meu espanhol. Conheço Pedro desde sempre, sabia que ele aceitaria a minha visita, mas é claro que fiz o cavalo dar meia-volta e não disse nada.

Pedro tem falta de mão de obra há tanto tempo que as silvas estão a tomar conta da sua terra e, nos últimos dois anos, só conseguiu marcar metade dos seus vitelos. Faz menos dinheiro a cada ano